

FLASH DE EMPATIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A INTENÇÃO DE CONSOLO ENTRE PARES

Emilia Juliana Correia do Nascimento¹
Patrícia Maria Uchôa Simões²

RESUMO

Este texto é um recorte de uma pesquisa de mestrado e enquadra-se no campo interdisciplinar dos estudos sociais dos bebês. Objetiva analisar as interações entre bebês, em brincadeira livre, com foco em fenômenos empáticos. Embora sem consenso sobre o conceito de empatia nos estudos das infâncias, ela é considerada um construto multidimensional de componentes afetivos, cognitivos e sociais. Tiveram como participantes na pesquisa bebês de 1-2 anos, de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) do Recife, onde a coleta de dados foi realizada por meio de videografias. Os dados foram analisados qualitativamente (análise microgenética). Encontramos situações de cuidado e conforto entre os bebês que ratificaram a proximidade ao universo empático. Concluímos que para aprimorar o debate sobre os estudos dos bebês em creche é preciso exercer um olhar distante do adultocentrismo. O bebê precisa ser compreendido como sujeito social e a creche como o lócus de desenvolvimento pleno e integrado. O apoio a iniciativas dos bebês e a organização dos espaços de desenvolvimento de autonomia devem ser considerados, favorecendo as habilidades sociocomunicativas e o respeito às suas singularidades.

PALAVRAS-CHAVE: Empatia; Creche; Estudos das infâncias.

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000000211592545> Filiação institucional: Universidade Federal Rural de Pernambuco/Fundação Joaquim Nabuco (UFRPE/Fundaj). E-mail: emiliaju.ufrpe@gmail.com

² ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1292-4182> Filiação institucional: Universidade Federal Rural de Pernambuco/Fundação Joaquim Nabuco (UFRPE/Fundaj). . E-mail: patricia.simoes@fundaj.gov.br

FLASH OF EMPATHY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: THE INTENTION OF CONSOLATION BETWEEN PEERS

ABSTRACT

This is an excerpt from a master's degree research project and falls within the interdisciplinary field of social studies of babies. It aims to analyze interactions between babies during free play, focusing on empathic phenomena. Although there is no consensus on the concept of empathy in childhood studies, it is considered a multidimensional construct with affective, cognitive and social components. The participants were babies aged 1-2 years old from a CMEI in Recife, where data collection was performed through videography. The data were analyzed qualitatively (microgenetic analysis). We found situations of care and comfort among the babies that confirmed their proximity to the empathic universe. We conclude that improving the debate on studies of babies in daycare requires a view that is far removed from adult-centrism. The baby needs to be understood as a social subject and the daycare center as the locus of full and integrated development. Support for the babies' initiatives and the organization of spaces for the development of autonomy should be considered in favor of socio-communicative skills and respect for their singularities.

KEYWORDS: Empathy; Daycare; Childhood studies.

DESTELLO DE EMPATÍA EN LA EDUCACIÓN INFANTIL: LA INTENCIÓN DE CONSUELO ENTRE COMPAÑEROS

RESUMEN

Este es un extracto de una investigación de maestría y se enmarca dentro del campo interdisciplinario de los estudios sociales de los bebés. Se pretende analizar las interacciones entre bebés, en juego libre, con foco en los fenómenos empáticos. Aunque no existe consenso sobre el concepto de empatía en los estudios de infancia, la empatía es considerada un constructo multidimensional de componentes afectivos, cognitivos y sociales. Los participantes en la investigación fueron bebés de 1 a 2 años de edad, de un CMEI de Recife, donde la recolección de datos se realizó a través de videografía. Los datos fueron analizados cualitativamente (análisis microgenético). Encontramos situaciones de cuidado y consuelo entre los bebés que confirmaron su proximidad al universo empático. Concluimos que mejorar el debate sobre los estudios sobre bebés en guarderías requiere adoptar una visión alejada del adultocentrismo. El bebé necesita ser entendido como un sujeto social y la guardería como el lugar de su desarrollo pleno e integral. Se debe considerar el apoyo a las iniciativas de los bebés y la organización de espacios para el desarrollo de su autonomía, con el fin de favorecer las habilidades sociocomunicativa y respetar su singularidad.

PALABRAS CLAVE: Empatía; Vivero; Estudios de la infancia.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte do recorte de uma pesquisa desenvolvida durante um curso de mestrado e se enquadra no campo interdisciplinar dos estudos sociais dos bebês. Desde o seu nascimento, o bebê se constitui no seu meio social, envolvendo-se em processos de construção e reconstrução de significados, de forma ativa (Pedrosa, 1996). Essa ideia de agência do bebê no contexto em que está inserido é um modo de reconhecer e considerar as especificidades desses sujeitos e visibilizar suas potencialidades. É sabido que, na maior parte das sociedades ocidentais, os bebês e as crianças pequenas estão inseridas em várias instituições, como a creche, para as quais as famílias fazem o elo de ligação e passagem. Logo, ao fazerem parte de um ambiente institucional como a creche, o bebê participa e age socialmente e amplia seu repertório cultural dando lugar ao surgimento de novos significados.

A partir desse contexto, surge a seguinte questão: como os bebês expressam empatia, em suas aproximações e distanciamentos em situações de interação? No âmbito dos estudos das infâncias ainda não há um consenso sobre a definição do fenômeno empático. Para Thompson (1998), a empatia é indispensável à experiência intersubjetiva, no tocante à compreensão e tradução da emoção do outro. O autor julga a empatia como uma experiência primitiva de compartilhamento e a relaciona ao entendimento socioemocional e interpretação dos sinais emocionais do seu coespecífico. Ainda assim, ela é considerada um construto multidimensional de componentes afetivos, cognitivos e sociais.

Hatzinikolaou (2002) reafirma o que o autor supracitado informa, e explica a capacidade empática como a “capacidade de perceber diretamente (sem participação de representações mentais), e simultaneamente vivenciar, o estado emocional de uma outra pessoa quando em comunicação intersubjetiva”. Logo, é possível ver esse fenômeno em situações interacionais entre bebês-bebês, bebês-crianças, crianças-bebês e crianças muito pequenas e outros pares.

Os bebês, desde o nascimento, manifestam inclinações para a regulação social, referenciamento no outro, compartilhamentos e formação de vínculos afetivos (Bussab; Pedrosa; Carvalho, 2007) sugerindo que já nos primeiros meses de vida apareçam sinais da capacidade empática dos bebês. Para Santana, Otta e Bastos (1993), essa competência é definida como uma resposta vicária à emoção do outro, abrangendo os aspectos motivacionais, cognitivos e afetivos que podem estar relacionados ao comportamento de ajuda e conforto.

Nesse sentido, com a intenção de lançar luz ao cotidiano dos bebês de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da cidade do Recife, objetivamos analisar as interações entre bebês, em situação de brincadeira livre, focalizando em fenômenos empáticos.

2 DE QUEM SÃO OS FLASHS

A pesquisa teve como participantes 19 bebês com idades entre 2 anos e 2 anos e 11 meses de uma turma do Grupo 1, que permaneciam na instituição em período integral e percorriam as salas ambientes em regime de rodízio pré-estabelecido pelo CMEI. Foi disponibilizado aos responsáveis das crianças um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em respeito aos aspectos éticos e humanos que envolvem os estudos com crianças. Seus nomes foram substituídos, os sexos identificados como Masculino (M) e Feminino (F), e as idades correspondentes em anos e meses.

Os estudos acerca das infâncias, bebês e crianças fundamentam a pesquisa, e aceitam que os bebês são compreendidos como sujeitos integrantes de uma categoria intrageracional que esbarra na idade como principal indicador de posicionamento geracional, o qual se constitui a partir de produções arbitrárias e simbólicas geradas dos processos sociais, sendo perpassado por relações de poder (Rodrigues, 2021). Nesse caso, vale salientar que a escolha de transitarmos entre o termo bebê e crianças parte da ideia empregada por Tebet (2013) que defende o argumento sociológico que o bebê não está assujeitado a uma idade específica, visto que, não há uma data ou ritual que o transcione de bebê para a condição de criança nas sociedades ocidentais, pois essa construção se dá a partir dos processos de individuação que se formam por via das redes que os bebês compõem ao longo de sua vida com seus pares.

A pesquisa se dá na relação construída com os bebês, e assim foi possível notar a forma como eles se colocavam em relação com o outro, consigo mesmos e com a materialidade, logo, a metodologia utilizada é de natureza qualitativa e tem três momentos distintos inspirados na triangulação referida nos estudos de Sarmento (2011). São eles: observação participante com anotações em diário de campo e gravações em vídeo (com a utilização de câmera de celular comum/popular), transcrição e análise dos tempos interacionais registrados, e o apoio da análise microgenética dos episódios como fechamento.

Nesse sentido, a pesquisadora, ao analisar as videografias, revisava cada imagem plano por plano, incluindo sequências interacionais que ocorriam paralelamente

a outros, e, *a posteriori* fazia a relação com o aporte teórico da Psicologia do Desenvolvimento e da Sociologia das Infâncias, com inspiração nos trabalhos desenvolvidos por Pedrosa e Carvalho (2005), Rossetti-Ferreira *et al.* (2004), Corsaro (2011), entre outros.

Entendemos como possíveis sequências interacionais, os movimentos dos bebês em direção ao outro motivados por suas necessidades exploratórias do ambiente, das pessoas e dos objetos que lá estavam, cuja intenção comunicativa se expressava através de vários elementos gestuais como: olhares, sorrisos, gestos, vocalizações, imitação, expressões faciais, balbucios, toques, choros, empurrões, entre outros. Rogoff (2005) afirma que os gestos, os olhares e a entonação são também indicadores nas e das relações entre bebês e adultos. Dessa forma, este estudo considerou essas informações como fundamentais para compreender as minúcias do universo estudado.

Em vista disso, o próximo tópico, que versa sobre os resultados, adentrará o universo empático considerando o nicho de elementos que compõe as interações infantis e terá como grupos de análise os episódios transcritos e as discussões desdobraadas a partir deles.

Convém ressaltar que optamos por utilizar o termo “episódio” baseado no conceito de Pedrosa e Carvalho (2005, p. 432), que informam ser “uma sequência interativa clara e conspícua, ou trechos do registro em que se pode circunscrever um grupo de crianças a partir do arranjo que formam e/ou da atividade que realizam em conjunto”.

Destarte, a observação de crianças menores de 3 anos na creche procura examinar as suas manifestações sociocomunicativas em diferentes momentos, entendendo os episódios observados como processos, nos quais ocorrem movimentos e transformações pelos quais elas vão construindo e se constituindo como sujeitos (Ramos, 2010).

3 OS FLASHS EMPÁTICOS: MANIFESTAÇÕES SOCIOCOMUNICATIVAS DOS BEBÊS

Quando se compreendem os bebês como seres competentes com capacidades de comunicarem suas próprias emoções e intenções, de notarem as emoções e intenções dos outros, e de reagir de modo apropriado a estas, compõe-se um conjunto de achados reconhecidos por estudiosos e teóricos da psicologia do desenvolvimento e mais genericamente da psicologia infantil (Hatzinikolaou, Murray, 2001; Hatzinikolaou, 2002; Kugiumutzakis, 1998; Murray, Trevarthen, 1985; Reddy, 2003; Stern, 2018; Pedrosa, Carvalho, 2007; entre outros).

Isso posto, os bebês, já em tenra idade, são agentes intencionais que possuem uma consciência ativa e desde cedo expõem sua capacidade intrínseca de participarem da construção de significados dos membros da sua espécie e regularem suas respostas em relação ao outro (Trevarthen 1979; 1998).

Nesse sentido, o estudo sobre empatia e intersubjetividade de Pedrosa e Carvalho (2007), que apresenta as propensões dos bebês para a regulação social, compartilhamentos e formação de vínculos afetivos, ratifica essa ideia e aponta que, em algumas pesquisas, as fotos de bebês imitando expressões de emoção são sugestivas de contágio emocional por apresentarem-se genuínas e não caricatas (Field *et al.*, 1982), indicando possível capacidade empática por parte dos bebês.

Para Bussab *et al.* (2007), nós, seres humanos, temos uma inclinação a espelhar a expressão emocional uns dos outros, quando envolvidos numa interação, sem nem percebermos o que está acontecendo de fato.

De acordo com Hoffman (2000), situações negativas expressadas emocionalmente são mais propensas a motivar comportamentos empáticos, simpatia e altruísmo nos outros, do que a observação da expressão de emoções positivas. No entanto, a capacidade de empatia não é um evento instantâneo, mas um processo dinâmico, no qual a trajetória está diretamente relacionada com a experiência do parceiro em interação ou a ele vinculado.

Nesse sentido, elencamos cinco episódios¹ que darão pistas da capacidade empática dos bebês demonstradas em ações de conforto, consolo e cuidado.

Episódio 1: Robô.

Crianças envolvidas: Lui (M/2anos e 6 meses), Biel (M/2 anos e 6 meses) e Nane (F/2anos e 2 meses).

Local: Sala do faz de conta.

A cena ocorre na sala do faz de conta, ambiente que dispõe de vários brinquedos, fantasias, prateleira com materiais diversos, caixa com livros, uma casinha amarela grande para entrarem e brincarem.

Na ocasião, há vários brinquedos espalhados no chão. A maior parte das crianças brincam sozinhas ou estão com uma educadora. Há crianças que preferem observar os colegas.

O foco da câmera está direcionado para Lui. Por um tempo, Lui estava concentrado montando uma torre com blocos grandes coloridos. Biel olha ao redor, pega

¹ As imagens apresentadas neste texto possuem as devidas autorizações dos responsáveis, obtidas por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

uma bola amarela do chão brinca um pouco. Vai até a torre de Lui e com as mãos a derruba. Lui grita: “Ahhh!”.

Figura 1 – Lui grita ao ver seu robô no chão

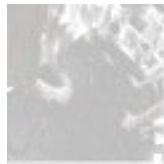


Fonte: Acervo da autora (2024)

Biel inclina-se para frente olhando para a estagiária e comunicando que havia ocorrido uma situação diferente ali.

A estagiária faz uma cara de estranhamento para Biel e fala: “Você derrubou? Derrubou?” Lui fala: “Não, meu Robô!” A estagiária fala “Biel derrubou?! Foi sem querer!”. Lui fala: “meu Robô”. E vai tentando montar novamente a torre, encaixando os blocos. O último bloco é no formato de uma cabeça de robô e após encaixá-lo Lui vira-se para Biel e o empurra duas vezes consecutivamente.

Figura 2 – Lui empurra Biel na Sala do Faz de Conta

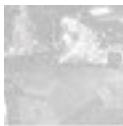


Fonte: Acervo da autora (2024)

Biel começa a chorar e Lui pega a torre de blocos e vai para perto da educadora. A educadora fala: “Lui, não precisa empurrar o amigo!”. Ela explica para Lui

que ele tinha derrubado sem querer e que no amigo se faz carinho. Nane, que estava em pé ao lado da educadora, fica observando Biel chorando por um tempo. Ela está com um copinho de suco de brinquedo e vai até Biel, toca duas vezes no ombro dele na intenção de acarinhá-lo e dá o suquinho. Biel nega, balançando o rosto e vai para o colo da educadora.

Figura 3 – Nane oferece o copinho para Biel enquanto ele chora



Fonte: Acervo da autora (2024)

O brincar direciona para a maneira como os bebês jogam com a materialidade e os elementos simbólicos, sendo necessário entender as brincadeiras como práticas situadas culturalmente, temporalmente e socialmente. No episódio descrito, Lui estava muito compenetrado montando seu robô e a ação de Biel o deixou muito chateado. Embora ele tenha voltado a montar o robô, ele não consegue conter-se e vai até o colega, empurrando-o. Biel chora e Nane vem até o amigo para consolá-lo.

Embora o episódio retrate uma situação conflituosa e também a fragilidade na participação da educadora, a compreensão de justiça por parte das crianças muitas vezes diverge da do adulto (Carpenter, 2010). As crianças, em geral, sabem resolver conflitos, mas, na maior parte das situações, eles são suspensos pelos educadores quando as crianças choram, gritam ou usam da força bruta. Nesse episódio, o desdobramento dele é o palco da nossa discussão, pois incorre em Nane, que estava como plateia na situação, e passa a ser personagem importante para a análise, pois, ao tocar duas vezes o ombro do amigo e oferecer-lhe o suco de brincadeirinha, demonstra a intenção de confortá-lo.

Situação semelhante é referida na pesquisa de Lira (2017) sobre empatia em crianças de dois e três anos em brincadeiras cooperativas. A autora apresenta em seus achados situações de conforto entre parceiros que são visualizadas em ações de fazer carinho ao colega que apresenta sinais de desconforto e em ceder seu próprio brinquedo.

Nane mostra, ao longo das observações, uma predileção por alguns parceiros da turma, e Biel é um deles. A eleição de manter contato com os quais mais se assemelha já é referido nos estudos de Carpenter (2010).

É possível inferir que Nane faz uma avaliação afetiva sobre o contexto vivenciado por Biel e busca adequar seu comportamento para auxiliá-lo (Lira, 2017), embora Biel opte por acalmar-se no colo da educadora.

De acordo com a literatura estudada (Pedrosa, 1996; Carvalho; Pedrosa; Rossetti-Ferreira, 2012; Lira, 2017; entre outros), o fenômeno empático, que tem classicamente o cuidado e o conforto como ações recorrentes, pode ser observado desde a primeiríssima infância e, segundo Lira (2017), relaciona-se a duas habilidades: a leitura afetiva e a expressão do comportamento adequado à situação. Entende-se como leitura afetiva quando a criança obtém sucesso em auxiliar ou confortar os pares frente a alguma fonte de estresse ou desconforto.

O próximo episódio também expressa uma avaliação afetiva por parte de Nane. Vejamos.

Episódio 2: O esbarro.

Crianças envolvidas: Jam (M/2 anos e 2 meses), Nane (F/2 anos e 2 meses), Sil (F/2 anos e 2 meses), Fê (M/2 anos e 3 meses) e Bely (F/2 anos e 1 mês).

Local: Sala de movimento.

A sala de movimento é o local de referência para os bebês desse estudo, pois é o local de início e finalização do dia letivo, além de ser o ambiente em que dormem após o almoço. Nela há pneus, bumbolês, carrinhos, bolas, blocos de empilhar, espelho, cordas, entre outros artefatos.

As crianças acabaram de voltar das brincadeiras no solário, um espaço ao ar livre que fica ao redor do CMEI e tem brinquedos de parque (escorregão, balanço, etc). Ao retornarem, vão para sala de movimento e ficam brincando com os brinquedos dispostos no ambiente.

Uma educadora abre a grade de acesso do solário e coloca um pneu na sala. O objeto cai de frente sobre Fê, que ao cair de costas esbarra em Sil, que também cai e começa a chorar. É uma espécie de engavetamento.

Figura 4 – Crianças caindo na Sala de Movimento



Fonte: Acervo da autora (2024)

Nane, que estava por perto e presencia a situação, alisa a cabeça da amiga que chorava. Ao longe, ouve-se a educadora dizer: “Que foi, Sil? Deixa ela, Nane!”.

Figura 5 – Reflexo do carinho no espelho



Fonte: Acervo da autora (2024)

Nesse momento, Jam e Bely vem correndo em direção a Sil. Quando Jam chega mais perto de Sil ela faz um gesto com a mão. Ele entende que é para parar. Bely continua, vai até Sil e a empurra. Sil chora mais ainda. A educadora repreende Bely e coloca Sil no braço.

A maior parte das crianças olham para Sil no braço da educadora e Nane faz carinho no pé de Sil repetidas vezes.

Figura 6 – Nane faz carinho no pé de Sil



Fonte: Acervo da autora (2024)

O engavetamento entre o pneu, Fê e Sil inicia esse episódio. Embora o pneu tenha batido diretamente em Fê, e Fê, de costas, esbarra em Sil, é ela que externa seu descontentamento com o ocorrido e torna a sofrer ainda mais com o posterior empurrão de Bely que não teve um motivo aparente para fazê-lo. Contudo, é a ação de acolhimento de Nane que merece destaque, pois, nos dois momentos, ela faz carinho na amiga com o intuito claro de consolá-la.

A princípio, a educadora, que estava um pouco distante e parece não ter visto o ocorrido, intervém pedindo que Nane não interaja com Sil. Em seguida, Sil é empurrada por Bely, o que aumenta mais sua aflição. A educadora acolhe Sil, colocando-a no braço, e novamente Nane faz carinho na amiga.

De modo similar, em episódios aqui demonstrados, vemos Nane efetivando um comportamento de consolo aos seus pares, o que sugere uma leitura afetiva coerente.

Embora Sil continue a chorar, apesar do consolo de Nane e acolhimento da educadora, pode-se inferir que frente à situação desagradável vivenciada, ela compreendeu o contexto estressor e teve a iniciativa de fazer carinho na amiga, objetivando confortá-la.

Vale ressaltar que, no primeiro momento, a educadora imprime uma negativa à ação de Nane em relação a Sil, interrompendo um possível desdobramento. Essa intervenção reforça a ideia de que é necessário que adultos deem espaço para que situações

de cuidado, conforto, ajuda e resoluções de conflitos aconteçam entre os coetâneos, potencializando e favorecendo a interatividade entre as crianças (Delgado *et al.*, 2017).

A fragilidade atitudinal das educadoras nos episódios descritos pode ser proveniente de um senso comum adultocêntrico que vê negativamente as disputas e que desconhece a competência dos bebês e crianças em suas agências sobre o mundo. Logo, diminuir as intervenções desnecessárias do adulto é favorecer o avanço das interações.

Para Friedmann (2020), o adultocentrismo reporta às decisões que adultos tomam para as crianças e por elas, não com elas, ou seja, sem consultá-las e sem dar espaço de escuta e observação. A autora afirma que, em geral, os adultos colocam-se em um local de autoridade que se distancia da criança. Assumem o papel de quem ensina, corrige, dita regras e orienta em vez de estarem na função de quem escuta ou observa para conhecer e reconhecer as peculiaridades de cada bebê e criança.

Nesse sentido, as maneiras de participação dos bebês apontam que eles não querem educadores controladores, mas companheiros mais experientes que os ajudem e potencializem as suas descobertas (Löffler, 2019). Implica dizer que a presença de adultos não invasivos, sensíveis e acolhedores abre uma outra possibilidade de relações saudáveis com as crianças, desde uma perspectiva aberta ao diálogo e reflexiva a um movimento de equidade e respeito às relações com os bebês e demais crianças. Logo, é necessário devolver à criança o real protagonismo.

O próximo episódio também dá continuidade à temática e parte de uma situação de conflito ocorrida entre os atores do evento, onde o fenômeno empático é novamente protagonizado por Nane.

Episódio 3: Bolha!

Crianças envolvidas: Bely (F/2 anos e 1 mês), Nane (F/2 anos e 2 meses) e Biel (M/2anos e 6 meses).

Local: Sala de faz de conta.

As crianças estão brincando livremente na sala do faz de conta, mas o foco está na brincadeira de soprar água com detergente para formar bolhas de sabão (atividade também conhecida como “bolinhas de sabão”). Biel aponta para a educadora o armário onde há mais bolhinhas de sabão e a profissional dá uma para ele. Nane chega perto, ambos ficam soprando e falam: “bolha!”. Nane sopra mas a bolha não aparece. Ele espera.

Figura 7 – Nane vê Biel soprar a bolhinha de sabão



Fonte: Acervo da autora (2024)

Posteriormente, ela vai pedir a estagiária uma bolhinha de sabão para ela. A estagiária entrega e ela fica do lado de Biel soprando. Ele a observa. A garrafinha de detergente de Biel parecia estar com pouco líquido e não há formação de bolhas. Bely chega para soprar. Nane deixa ela soprar um pouco e sai. Bely tenta soprar a de Biel e acaba tomando de Biel sua garrafinha. Ele chora e não disputa.

Figura 8 – Biel chora por estar sem sua bolhinha



Fonte: Acervo da autora (2024)

A educadora intervém e devolve para Biel, que continua chateado. Nane também vem ao encontro de Biel e aponta sua garrafinha para ele soprar. Há uma sutil tentativa de acalmá-lo. A educadora dá uma outra garrafinha para Biel, eles brincam um pouco e se dispersam.

Figura 9 – Nane chega para ajudar o colega



Fonte: Acervo da autora (2024)

No episódio transcrito, a brincadeira de soprar espuma para formar bolhinhas de sabão gera em conflitos na partilha de objetos. A chegada de Bely à brincadeira traz dois movimentos: a saída de Nane provisoriamente da brincadeira, sinalizando sua possível não preferência em brincar com Bely, e a disputa inicial pelo brinquedo entre Bely e Biel.

Convém ressaltar que as experiências construídas com esse grupo ao longo do ano letivo levam a crer, a partir de algumas falas espontâneas das educadoras, que Bely teve participação direta em eventos de mordida e disputa de brinquedos, o que provavelmente gerou sobre ela uma imagem negativa e de ameaça, gerando memória em algumas crianças. Apesar disso, sua participação no grupo do brinquedo acontece sem rejeição.

De acordo com a literatura estudada, um grupo de brinquedo se estabelece com crianças que se encontram regularmente, reconhecem-se como pertencentes ao lugar e desenvolvem rotinas nas suas atividades lúdicas (Lucena; Pedrosa 2014). A brincadeira de bolinha de sabão compõe o mote do grupo do brinquedo.

Quando Biel tem seu brinquedo capturado por Bely, ele se desestabiliza e chora. O choro provoca a intervenção da educadora, que devolve para ele o brinquedo. Anteriormente, a garrafinha dele com detergente para formação de bolhinhas de sabão já não estava mais funcionando. Mesmo ele soprando, as bolhas não surgiam. Nane, aovê-lo chateado, vem ao seu encontro e oferece sua garrafinha para ele soprar, tentando acalmá-lo e trazê-lo de volta à brincadeira.

Pedrosa (1996) defende que comportamentos de conforto, cuidado e defesa são percebidos nas interações criança-criança já no primeiro ano de vida. Essa capacidade, desde muito cedo, de crianças em cuidar de seus amigos pode ser observada em diversas brincadeiras, bem como em outros momentos, cuja motivação em interagir não estaria no brincar, mas sim na própria assistência ao par (Carvalho, Pedrosa, Rossetti-Ferreira, 2012).

Nane, ao ver seu parceiro de brincadeira chorando, tenta distraí-lo com sua bolhinha de sabão, retomando a brincadeira que já desempenhavam antes da chegada de Bely. Warneken *et al.* (2006) citado por Viana e Pedrosa (2014) informam que crianças de dois e três anos em situações em que há a interrupção da brincadeira tentam reengajar o parceiro numa tentativa de retomada ao empreendimento lúdico.

Logo, é de fundamental importância entender as singularidades dos bebês e crianças pequenas, suas aproximações, amizades e conflitos, elementos centrais dos processos interacionais, que são imbuídos de emoções, as quais são aprendidas e acrescidas pelos bebês em suas vivências, sejam elas com adultos, com crianças maiores, ou entre si. Então, quanto mais variadas as experiências, mais complexas e ricas são as interações (Delgado *et al.*, 2017).

Episódio 4: Panela longe.

Crianças envolvidas: Sil (F/2 anos e 2 meses), Rique (M/1 ano e 11 meses) e Isa (F/2 anos e 7 meses)

Local: Sala de movimento.

A cena se passa na sala de movimento. É final da tarde e as crianças estão à espera das famílias, brincando livremente com os materiais dispostos na sala. Há ainda crianças trocando de roupas com a ajuda das educadoras.

Ao fundo, ouve-se o choro de Sil, que foi empurrada por Isa. A educadora fala que não pode empurrar e tenta confortar Sil. Rique, que está por perto, tenta consolá-la, fazendo gestos carinhosos com as mãos.

Figura 10 – Rique tenta acalmar Sil



Fonte: Acervo da autora (2024)

A educadora começa a falar que elas podem ser amigas, e que “a gente não machuca as amigas, tá bom? Combinado?”. Sil joga uma panela longe e Rique vai buscar e coloca na mão dela. Ela joga longe novamente. A educadora diz: “Ela não quer não, Rique! Ela quer não!”.

Novamente Sil é vítima de um empurrão, atitude tomada por Isa. A educadora mantém um diálogo sobre isso na presença de Isa, Sil e Rique. Ele, a todo momento, está interessado em consolar a amiga, hora fazendo carinho, hora oferecendo o brinquedo.

Nos primeiros episódios do presente tópico, vimos que ocorrências de conforto entre parceiros são notadas em ações de fazer carinho ao colega que foi vítima de uma situação estressante, bem como a oferta de um brinquedo (Lira, 2017). Assim vemos Rique comportar-se em relação a Sil. Esses sinais empáticos quando oportunizados de maneira coerente favorecem o desenvolvimento socioemocional dos bebês e das crianças, além de construir relacionamentos saudáveis e duradouros.

A atitude de Rique no episódio descrito, bem como a de Nane em episódios anteriores, encaixam-se nos achados de Lira (2017) e ratificam que, desde muito cedo, as crianças se envolvem emocionalmente com seus pares.

O próximo episódio versa sobre uma conversa que Biel e Rique têm no portão que dá acesso ao solário. Ambos demonstram seus interesses por trator e avião. Em dado momento, há uma fala que recorre a uma expressão de consolo por parte de uma das crianças.

Episódio 5: Papai foi trabalhar!

Crianças envolvidas: Biel (M/2 anos e 6 meses) e Rique (M/1 ano e 11 meses).

Local: Sala de Movimento.

As crianças se encontram na sala de movimento em uma dinâmica de troca de roupas e espera dos familiares. Brincam livremente pelo espaço com os artefatos que estavam dispostos. Biel e Rique estão na grade que dá acesso ao solário e ao muro que delimita a área do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI).

Biel fala: “Ali!”. Um pouco depois, ele aponta para cima e Rique fala “tatô” (trator) repetidas vezes.

Figura 11 – Biel aponta para cima



Fonte: Acervo da autora (2024)

Biel se interessa por aviões e Rique pelos tratores que ficam atrás do muro do CMEI. Rique tenta pendurar-se na grade. A educadora, ao fundo, chama por Biel. Ele não responde. Rique fala algo e Biel diz para ele “papai foi trabalhar!” e faz um gesto com as mãos, e Rique tenta pegar sua mão, e/ou bater na mão de Biel com a palma da mão.

Figura 12 – Papai foi trabalhar!



Fonte: Acervo da autora (2024)

Em seguida, Rique pega a mão de Biel como se a abocanhasse. Rique mexe no sapato. Biel aponta e diz “um trator!”. Rique retira os sapatos e Biel se empolga e diz “eu vi avião, avião, avião!” e desloca-se, enquanto Rique continua a repetir “tatô, tatô”.

O portão que dá acesso ao solário dá visibilidade ao muro que circunda o espaço do CMEI. Atrás dele há um terreno em que muitas vezes passam tratores trabalhando. As crianças já avistaram parte desses veículos através da grade ou janelões. Por dar acesso à área livre, elas também podem visualizar a passagem de aviões no céu.

Logo, Biel e Rique aguardavam ver um dos veículos pelo portão. Em dado momento, Rique fala algo para Biel que o faz lançar a frase: “Papai foi trabalhar”. Essa expressão é muito comum e geralmente se fala em ocasiões posteriores às despedidas dos responsáveis a seus filhos no ambiente escolar ou em situações em que as crianças sentem saudades da figura paterna, ou até mesmos pelos familiares em seus lares quando o pai não está presente.

Embora não haja indícios de que as duas crianças estivessem com saudade de seus genitores, há, na expressão de Biel, uma carga enfática, pois ele usa as mãos como complemento do que ele estava falando. Na literatura confirma-se essa utilidade, pois as primeiras associações de gesto e palavra observadas na criança são combinações de reforço. No exemplo contido no episódio, o gesto realça a informação contida na expressão “Papai foi trabalhar!” (Flabiano-Almeida e Limogi, 2010).

Além disso, a frase de Biel sugere um pensamento de cuidado e conforto, e essa capacidade já é descrita nos estudos de Pedrosa (1996) em que crianças cuidam de seus pares já no período inicial da vida podendo ser observada em brincadeiras de faz de conta quando assumem papéis típicos de seus núcleos familiares e/ou adultos de referência (Pedrosa, 1996). Corroborando com essa perspectiva, Almeida (2023) informa, a partir de sua pesquisa sobre bebês e a imitação, que o cuidar é uma das principais vivências da Educação Infantil, estando muito presente nas rotinas infantis.

Ainda que, o período das observações e videografias tenham ocorrido no segundo semestre, a fala que dá título ao episódio perpassa a temática da adaptação escolar e carrega a reflexão acerca do que Balaban (1998) pondera ao dizer que não existe um período fixo para que ocorra a adaptação, já que ela é processual. Em algumas crianças podem durar dias, mas em outras até meses, dependendo do ambiente que lhe é proporcionado em casa e nos espaços institucionais e como seu comportamento é observado e tratado.

A memória despertada em Biel acerca da despedida é desencadeada por alguma palavra, som e/ou gesto emitido por Rique, o que nos faz inferir que houve por parte de Biel um processo de acomodação e assimilação e resgate a esses conceitos,

o que demonstra um possível sucesso na adaptação escolar. Segundo Balaban (1998), a criança que é capaz de regular seus sentimentos de separação da família ligados com a entrada na escola, está dando um grande passo no seu desenvolvimento que, ao invés de encarar como um problema, vê como uma oportunidade.

Esse feito leva a crer que Biel também deseja que o colega compreenda que o pai foi trabalhar, mas vai voltar e assim como ele, supere qualquer incômodo. Nesse sentido, não há como discutir o fato de que a convivência familiar é insubstituível e essencial para o desenvolvimento da criança, porém é necessária a compreensão que a creche fornece a possibilidade de ampliar o arcabouço cultural e pode favorecer a socialização infantil.

No próximo tópico, comunicamos nossos apontamentos finais que poderão servir de incentivo a novos clarões acadêmicos acerca do fenômeno empático entre bebês e seus coetâneos.

4 FLASHS QUE CONTINUARÃO

Os humanos possuem uma capacidade herdada de viver culturalmente e, sendo assim, pressupõe-se que a ação humana é direcionada ao seu coespecífico, portanto, eles se constituem em um meio de constantes trocas sociais (Tomasello, 2003). Bebês e crianças em interação, seja com adultos ou com coetâneos, modificam e criam cultura (Pedrosa, Eckerman, 2000; Carvalho, Pedrosa, 2002), ou seja, os achados interacionais em momentos de brincadeiras não são meros repasses de informação, ou cópia fiel ao que se aprende na macrocultura, mas se modificam, ampliam-se, transformam-se no local social da microcultura, ou culturas de pares.

O presente artigo teve como foco analisar as interações entre bebês em situação de brincar livre cujo cerne estava no fenômeno empático. A temática abre um leque de possibilidades para adentrar o campo interdisciplinar dos estudos das infâncias e sugere que bebês apresentam um repertório rico de capacidades comunicativas que estão para além da oralidade.

A empatia entre os bebês, nesta pesquisa, revelou-se em situações de conforto e cuidado manifestadas em relação ao outro e que sucedem após situações conflituosas. Foram registradas ocorrências de empatia em interações onde os bebês oferecem conforto, manifestam carinho, oferecem brinquedos ao outro bebê que tenha sido vítima de uma situação estressante ou quando apresenta sinais de desconforto. O estudo analisou essas situações, no sentido de revelar habilidades dos bebês e

apontar a necessidade da sensibilização dos educadores e pesquisadores em assumir uma conduta de escuta do bebê, atenta a suas capacidades e possibilidades de interação e produção de significados.

No bojo da interdisciplinaridade, justificamos a importância de refletir o papel do adulto no desenvolvimento dos bebês e crianças pequenas. Nesse sentido, a complexidade das relações envolvidas não pode mascarar o quanto potente pode ser uma intervenção ou não intervenção do adulto em situações interacionais entre bebês e crianças pequenas.

Diante da literatura explorada, sabemos que bebês são competentes para estabelecerem trocas e aprendizagens sociais e afetivas não somente com os adultos de referência, mas também com seus coetâneos, construindo normas, regras, valores e crenças que nem sempre são compreendidos e validados pelos educadores com quem convivem (Delgado *et al.*, 2017). Logo, faz-se necessário dinâmicas de estudos, pesquisas e debates sobre a teoria e práxis direcionadas para os bebês, intencionando ambientes promissores e respeitosos para essa categoria.

A escola de educação infantil é o lugar de encontros (Dahlberg; Pence; Moss, 2009), onde os bebês e crianças vão compartilhar vivências em um contexto coletivo diferente do seu lar. São pelas vivências diárias que aprendem sobre ser e estar no mundo, assim como conviver e constituir campos de sentidos e significados.

Para os bebês que participam da dinâmica institucional da educação infantil no segmento creche, situações vividas nesses ambientes são interpretadas a todo instante e novos significados são dados a partir da cultura à qual pertence os sujeitos. As ações e reações entre o bebê e os outros com quem interage são traduzidas, ressignificadas, certas possibilidades de significação são maiores do que outras e é através delas que se constroem mais significados, tanto para o bebê, como para seus parceiros (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2000).

Destarte, o bebê precisa ser compreendido como sujeito social e a creche como o lugar de desenvolvimento pleno e integrado, desde o começo da vida (Brasil, 2009), sendo então importante o apoio a suas iniciativas e a organização dos espaços de desenvolvimento de autonomia, potencializando, assim, suas habilidades sociocomunicativas e respeitando suas singularidades.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Larissa Monique de Souza. *Os bebês e a imitação: a centralidade das ações de cuidado na educação infantil*. 2023.
- BALABAN, Nancy; BERLIN, Yeda Luci Sehm. *O início da vida escolar: da separação à independência*. 1988.
- BRASIL. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009.
- BUSSAB, Vera Silvia Raad; PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria Almeida. “Encontros com o outro: empatia e intersubjetividade no primeiro ano de vida”. *Psicologia USP*, v. 18, p. 99-133, 2007.
- CARPENTER, Carole. “Les universaux de la culture enfantine”. In: ARLEO, Andy; DELALANDE, Julie. (Eds.). *Cultures enfantines*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010.
- CARVALHO, Ana Maria Almeida; PEDROSA, Maria Isabel; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. *Aprendendo com a criança de zero a seis anos*. São Paulo: Cortez, 2012.
- CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- DELGADO, Ana Cristina Coll et al. “Interatividade nas culturas da infância: aproximações, amizade e conflitos entre bebês”. *Revista Educação em Questão*, vol. 55, n. 44, p. 144-168, 2017.
- FIELD, Tiffany M. et al. “Discrimination and imitation of facial expression by neonates”. *Science*, v. 218, n. 4568, p. 179-181, 1982.
- FLABIANO-ALMEIDA, Fabíola Custódio; LIMOGLI, Suelly Cecilia Olivan. “O papel dos gestos no desenvolvimento da linguagem oral de crianças com desenvolvimento típico e crianças e síndrome de Down”. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, vol. 15, p. 458-464, 2010.
- FRIEDMANN, Adriana. *A voz e a voz das crianças*. São Paulo: Livros Panda, 2020.
- HATZINIKOLAOU, Kornilia. *The development of empathy and sympathy in the first year*. 2002. Tese de Doutorado. University of Reading.

HATZINIKOLAOU, Kornilia; MURRAY, L. "Postnatal depression, different maternal interactive styles and empathy in 2, 4 and a 1/2 and 12-month-old infants". In: *Xth European Conference on Developmental Psychology: Abstracts*. 2001.

HOFFMAN, L. M. *Empathy and moral development: Implications for caring and justice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KUGIUMUTZAKIS, G. "Neonatal imitation in the intersubjective companion space". In S. Bråten, (Ed.), *Intersubjective communication and emotion in early ontogeny*, (pp. 63-88). Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

LIRA, Paula Gabrielly Rasia. *A empatia na brincadeira de crianças de 2 e 3 anos*. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

LÖFFLER, Daliana. *Os movimentos de participação construídos por e entre bebês e crianças maiores em uma turma de berçário*. 2019.

LUCENA, Juliana Maria Ferreira de; PEDROSA, Maria Isabel. "Estabilidade e transformação na construção de rotinas compartilhadas no grupo de brinquedo". *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 27, p. 556-563, 2014.

MURRAY, Lynne. *Emotional regulation of interactions between two-month-olds and their mothers: Social perception in infants*, p. 177-197, 1985.

PEDROSA, Maria Isabel P. C. "A emergência de significados entre crianças nos anos iniciais de vida". In: PEDROSA, M. I. P. C. (Org.). *Investigação da criança em interação social*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.

PEDROSA, Maria Isabel P. C.; CARVALHO, Ana Maria Almeida. "Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso". *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 18, p. 431-442, 2005.

RAMOS, Tacyana K. Gomes. *A criança em interação social no berçário da creche e suas interfaces com a organização do ambiente pedagógico*. 2010. 178 f. 2010. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

REDDY, Vasudevi. "On being the object of attention: implications for self-other consciousness". *Trends in cognitive sciences*, v. 7, n. 9, p. 397-402, 2003.

RODRIGUES, Ana Julia Lucht. “A creche como um lugar para e dos bebês: uma reflexão sobre suas ações e a(s) materialidade(s)”. Trabalho apresentado na 40^a Reunião Anual da Anped, v. 26, 2021.

ROGOFF, Barbara. *A natureza cultural do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et al. “Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 13, p. 281-293, 2004.

SANTANA, Paulo Reinhardt; OTTA, Emma; BASTOS, Maria Fernanda. “Um estudo naturalístico de comportamentos empáticos em pré-escolares”. *Psicol. teor. pesqui*, p. 575-86, 1993.

SARMENTO, Manuel Jacinto. “O estudo de caso etnográfico em Educação: In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Orgs.). *Itinerários de Pesquisa - Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: Lamparina (2^a edição), 2011.

STERN, Daniel N. *The interpersonal world of the infant: A view from psychoanalysis and developmental psychology*. Routledge, 2018.

TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. *Isto não é uma criança! Teorias e métodos para o estudo de bebês nas distintas abordagens da sociologia da infância de língua inglesa*. 2013.

TOMASELLO, Michael; RAKOCZY, Hannes. “O que torna a cognição humana única? Da intencionalidade individual à compartilhada e coletiva”. *Mente e Linguagem*, v. 18, n. 2, p. 121-147, 2003.

THOMPSON, Ross. “Empathy and its origins in early development”. In: THOMPSON, Ross. *Intersubjective communication and emotion in early ontogeny. Studies in emotion and social interaction*. New York: Cambridge University Press, 1998.

TREVARTHEN, C. (1979). “Communication and cooperation in early infancy: A description of primary intersubjectivity. In M. Bullowa (Ed.), *Before Speech: The beginning of interpersonal communication*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 321-348.

TREVARTHEN, C. (1998). “The concept and foundations of infant intersubjectivity”. In: S. Bråten (Ed.), *Intersubjective communication and emotion in early ontogeny*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 15-46.